

## **Como delinear o português brasileiro no BRICS? A Comunidade dos Países de Língua Portuguesa ambienta-se como politizadora de difusão cultural**

How to delineate the Brazilian Portuguese in the BRICS? The Community of Portuguese Language Countries get used to political of cultural diffusion

**Thiago Evangelista**

Universidade de Brasília

<https://orcid.org/0000-0002-7055-1559>

evangelistathiago2018@gmail.com

### **RESUMO**

Analisaremos neste trabalho os possíveis caminhos encontrados para lecionar português do Brasil, em um agrupamento político o qual o Brasil faz parte juntamente com a Rússia, China, Índia e África do Sul. Esse agrupamento político chama-se BRICS, e através de termos das Relações Internacionais será possível compor um cenário de observação de estratégias retiradas da diplomacia cultural para o ensino de português do Brasil nesses quatro países que encontram algumas semelhanças de desenvolvimento. Outro aspecto trazido pela pesquisa é termos como composição norteadora a CPLP ou Comunidade dos Países de Língua Portuguesa, para que seja possível integrarmos exemplos do funcionamento de políticas idiomáticas em relação ao ensino de português no mundo. A temática que traremos nesse trabalho é inovadora e disruptiva, pois muito se fala em input para abrangência do ensino do idioma português, mas poucas vezes na academia houve uma aproximação tão visível do ensino de idiomas com termos de Relações Internacionais com foco na política externa do Brasil.

**Palavras-Chave:** BRICS, Relações Internacionais, CPLP, Diplomacia Cultural, Políticas idiomáticas.

### **ABSTRACT**

We will analyze in this work the possible ways to found for teaching Brazilian Portuguese to the political group to whom Brazil made it part with Russia, China, India and South Africa. In this political group named BRICS and thought of terms of the International Relations will be possible to composite a scenario of the observation of strategies leave to cultural diplomacy for the teaching Brazilian Portuguese in these four countries that to found a couple of similar developments. Another aspect brought for this research is to have as guide composition the CPLP or Community of Portuguese Language Countries, for it to be possible to integrate examples of the operation to political idiomatic issues concerning teaching Portuguese in the world. The thematic that we will bring in this work is innovative and disruptive because much say it about input for coverage of the teaching Portuguese idiom but few times in the academic has an approximate so visible of the teaching idioms with the terms of the International Relations with a focus in the foreign politics from Brazil.

**Keywords:** BRICS, International Relations, CPLP, Cultural Diplomacy, Language Policies.

## 1. Introdução

Ter inclinação para entender que existe uma relação entre nosso idioma, e o poder político em si, aparece no rol dos assuntos mais importantes de um Estado soberano, em que a língua tem seu lugar de privilégio. “Língua e poder aparecem estreitamente vinculados e cada um destes termos traz consigo a defesa de posições jurídico-políticas diferentes, a relação entre língua e poder tem uma dupla dimensão, interna e internacional” (Liesa, 1999, p.10). Assegurando que o universo da diplomacia cultural do Brasil pode abranger esses temas ou ideias, entre outros:

- a) intercâmbio de pessoas;
  - b) promoção da arte e dos artistas;
  - c) ensino de língua, como veículo de valores;
  - d) distribuição integrada de material de divulgação;
  - e) apoio a projetos de cooperação intelectual;
  - f) apoio a projetos de cooperação técnica;
  - g) integração e mutualidade na programação.
- (Ribeiro, 2011, p.31)

Quando se promove a língua portuguesa, falada nos países da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa, e reformulando que através de políticas idiomáticas realizamos o soft power, ou poder cultural. Manipular a imensa contribuição econômica que a diplomacia cultural exerce na comunidade internacional. “A importância das relações culturais como fator de aproximação entre os povos é hoje universalmente reconhecida por estudiosos das Relações Internacionais. Direta ou indiretamente associada à política e ao comércio” (Ribeiro, 2011, p. 51). Assinalar para a língua portuguesa do Brasil, que ela pode ocupar um lugar almejado entre as principais línguas mundiais, ao caracterizar o francês como língua diplomática; dessa forma, palavras como *laissez-faire* ou *détente*, fazem parte de um linguajar corriqueiro das cimeiras internacionais. O inglês uma língua transnacional, com praticidade em todo lugar se fala! O português pode elevar-se diante de várias possibilidades de trocas interculturais na construção de uma imagem como idioma internacional. “O termo ‘linguagem na diplomacia’ obviamente pode ser interpretado de várias maneiras. Primeiro como língua (língua ‘materna’ ou adquirida) na fala ‘usada por uma nação, tribo, ou outro similar grande grupo de pessoas’” (Nick, 2001, p.39, tradução nossa). Citar essa reflexão, nos faz pensar que existem muitas possibilidades interpretativas de como pode ocorrer a internacionalização do português do Brasil, e dessa maneira também trazer o inside, em via de regra, de como o português pode se tornar uma língua mais visível na diplomacia.

A linguagem da diplomacia, muitas vezes como a poesia, tem a capacidade de fazer as pessoas mudarem de humor. Seja demagogicamente ou dando uma expressão de nobres ideologias, teoria, ou mesmo os credos religiosos, línguas naturais ou que são

da diplomacia, tem um impulso e uma força motriz interna que não tem idade (Jaber, 2001, p.53, tradução nossa).

Este trabalho circunda quais os ganhos que se tem ao colocar a língua portuguesa do Brasil, na capacitação de pessoas que queiram ter o português como língua estrangeira. Política cultural para isso já existe? A resposta é sim! A CPLP, ou Comunidade dos Países de Língua Portuguesa, existe desde 17 de julho de 1996, fundada em Lisboa serve para unificar os países no continente africano, América Latina, Ásia e na Europa, na centralização de políticas diplomáticas que possam fazer expandir ainda mais a procura por falantes lusófonos, são as balizas dessa comunidade que tem reciprocidade na conjunção de países que possuem o português ou como sua língua oficial, ou como língua adicional. No artigo 1º do Estatuto da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa aparece:

A língua, o principal motor da CPLP, pode ser entendida entre três fatores: 1) a língua como base de entendimento, que deu lugar à criação da Comunidade, 2) a língua, como fator de inserção na sociedade pós-industrial, e 3) a língua “de fronteira”.

Diante de um mundo onde se registram fortes tendências à supranacionalidade, o uso do português em diferentes regiões do planeta surge como um elemento unificador e delimitador de fronteiras nas posições de cada Estado lusofalante nas suas inserções, não excludentes, em outros espaços regionais. (Nóbrega, 2010, p. 111)

A intenção desta pesquisa é orquestrar estudos dispendiosos acerca do pensamento norteador; como podemos fazer com que a língua portuguesa falada no Brasil possa promover mais intercâmbios culturais e econômicos, no BRICS? Nós compreendemos que na CPLP o português é atendido por diversas políticas de governança dos plenipotenciários da política externa brasileira. Porém, analisar a instituição do português no BRICS, não seja uma tarefa fácil, ou simples. Mas que possamos adentrar as potencialidades emergentes do multiculturalismo trazidos por esse agrupamento político e semi-institucionalizado que é o BRICS, analisar a cultura de cada um dos países integrantes, é função de estudos sociais, gramáticos, de sistemas de governo, economia, população, território, além de sua obra literária e o cunho artístico da história de cada povo. A Rússia com a história de seu território como a antiga união soviética, a Índia com um forte processamento de comercialização na comunidade internacional, a China emergindo como uma potência mundial, e trazendo consigo o grande número de sua população, o que faz com que o mandarim esteja nas primeiras colocações no ranking das línguas mais faladas no mundo, e por último; a última inserção no BRICS, a África do Sul, que traceja a cada dia mais avanços econômicos, no continente africano, e que surge em frente a esse grupo a participação de um país do continente africano, dando-lhe a participação necessária que o continente precisava.

Ao afirmar que cultura, é observada de uma forma ampla, encontraremos nesse fundamento a concepção com referência em uma definição trazida pela UNESCO, na Declaração Universal sobre

a Diversidade Cultural de 2001, ao trazer a tona que a cultura de uma país - referente ao Brasil - poderia ser considerada como um conjunto de alguns traços distintivos espirituais e materiais, intelectuais e afetivos, que assim acabam caracterizando uma sociedade-nação ou um grupo social, e que com isso abrange, além das artes e das letras, os estilos de vida, que são a maneira de viver que essa sociedade tem em comum, aos seus sistemas de valores, as tradições e as suas crenças. Deprendendo como ponto referente, a declaração universal da UNESCO, abrimos as concepções do que venha ser cultura. Dando assim, continuidade ao pensamento do que se é preciso ter para compor essa colcha de retalhos, que está sendo confeccionada para uma referente muito maior, que é a exploração de como o ensino de português do Brasil pode ser conduzida pela diplomacia cultural do governo brasileiro, para isso faremos mais um adendo ao pensamento cultural, nós usaremos das palavras do sociólogo jamaicano Stuart Hall, que faz a seguinte alusão sobre o que é multicultural, e multiculturalismo:

Pode ser útil fazer aqui uma distinção entre o “multicultural” e o “multiculturalismo”. Multicultural é um termo qualificativo. Descreve as características sociais e os problemas de governabilidade apresentados por qualquer sociedade na qual diferentes comunidades culturais convivem e tentam construir uma vida em comum, ao mesmo tempo em que retêm algo de sua identidade “original”. Em contrapartida, o termo “multiculturalismo” é substantivo. Refere-se às estratégias e políticas adotadas para governar ou administrar problemas de diversidade e multiplicidade gerados pelas sociedades multiculturais. É usualmente utilizado no singular, significando a filosofia específica ou a doutrina que sustenta as estratégias multiculturais. “Multicultural”, entretanto, é, por definição, plural. (Hall, 2013, p. 52)

Avaliando que através do pensamento da culturologia, em que Stuart Hall, nos faz perceber como as concepções de identidade de uma nação, e seu povo, fazem com que os estudos do ensino de português para estrangeiros, podem adentrar culturas tão diversificadas em suas características sociais, em cada nação participante do agrupamento BRICS, influenciando na forma de se fazer diplomacia cultural do Estado brasileiro.

## **2. Qual a finalidade de aprender português do Brasil ?**

Existem algumas mazelas já vivenciadas e avaliadas, como por exemplo; para quem aprender português? Qual seria um valor tarifário para uso de português? Observa-se a utilização da língua espanhola como forma de falar e acessar brasileiros, com um número mais expressivo de falantes, pessoas que falam espanhol acabam falando portunhol e por isso fica fácil entender o português dos brasileiros. Avaliar que linguagem e diplomacia caminham juntas, e para engrandecermos nossas

possibilidades de comunicação no agrupamento BRICS, afirmamos que compreender como a diplomacia cultural, pode através do ensino de português para estrangeiros, ser introduzida nas conferências diplomáticas, sendo explicadas abaixo por Stanko Nick:

Comunicação na diplomacia multilateral, com certeza, é sempre mais complicado, inadequado e dispendioso. Várias organizações internacionais e numerosas conferências diplomáticas tentam - mais ou menos bem sucedido - resolver um problema linguístico para ir reduzindo inúmeras possibilidades de intercomunicações para um relativo pequeno número de línguas selecionadas - então chamadas, línguas oficiais ou de trabalho. [...] Enquanto a ideia de igualdade na soberania das nações e Estados, pequeno e grande, rico e pobre, não podem ser questionadas, o astronômico custo de interpretação nas conferências e traduções de um amontoado de material escrito para organizações internacionais falam muito mais contra esse aspecto de implementação na vida prática. ( Nick, 2001, p.43, tradução nossa)

Associado à promoção da língua e cultura brasileira no exterior. Há algum tempo, é perceptível que diplomatas trazem à tona uma demanda que existe na vida de quem trabalha a favor da política externa brasileira. Ficamos sempre com a dúvida e o questionamento. Por que ainda não temos escolas internacionais brasileiras espalhadas pelo mundo para divulgar nossa cultura e educação dos filhos de nossos diplomatas? Encontramos um ótimo exemplo quando nos deparamos com a França, que promove uma política externa cultural e educacional além de seus Departamentos Ultramarinos. Ao andar por Brasília percebemos que além da Aliança Francesa, também reside um liceu francês, que educa no ciclo básico de ensino nos parâmetros educacionais franceses, filhos e filhas de diplomatas francófonos que passam por Brasília, o espaço educativo chama-se Lycée Français François Mitterrand, e situa-se no Lago Sul. Dentre essa escola bilíngue, em Brasília existem inúmeras outras, como a canadense Maple Bear, a britânica British School, a americana American School of Brasilia, a School of Nations, entre diversas outras espalhadas por Brasília. A pergunta que fica é, por que ainda não existem escolas brasileiras internacionais mantidas pelo governo brasileiro como fundamento em sua política externa? É muito gasto para política externa? O português do Brasil não tem valor no mundo afora? É importante problematizar com afinco essa questão. Pode não ser possível, no momento, pensar na concepção política pedagógica para uma escola internacional brasileira em alguma nação do agrupamento BRICS, mas futuramente podemos desejar que brasileiros que emigram para Rússia, Índia, China e África do Sul possam desfrutar das possibilidades entre esse intercâmbio, e que façam através da diplomacia cultural, com que o ensino de português para estrangeiros em sua devida constância, aumente cada dia mais nos territórios do agrupamento BRICS, assim como as comercializações entre esses países.

Acrescentando que o Itamaraty cuida da Rede Brasil Cultural, que são centros culturais que ensinam português no mundo, além dos Leitorados de professores em Universidades Estrangeiras,

também coordenado pelo Itamaraty. É necessário que precisamos reconhecer que não possuímos um centro linguístico de nosso idioma, como a RAE por exemplo, a Real Academia Espanhola. Convertendo a ideia que poderíamos ter um centro com o nome Machado de Assis; coisa que já havia sido ventilada entre professores e o Ministério da Educação. Os diplomatas brasileiros expõem que o fato de existir uma escola brasileira no exterior promove ainda mais a cultura brasileira, além de criar um ponto referencial de apoio, de certa feita; o soft power, de maneira mais abrangente, considera que instituído no território certo, a instituição educacional pode atrair bons clientes. Intercalando com as ideias de Joseph Nye que elabora no prefácio do livro *Soft Power: The Means to Success in World Politics* (2004).

Soft power é definido fundamentalmente como uma capacidade persuasiva de poder, ou seja, a capacidade de um Estado obter algo através de um efeito de atração e não por coerção ou pagamento, e assenta fundamentalmente no potencial atractivo da universalidade da cultura de um país, dos valores políticos, e das suas políticas. (Fernandes, 2005, p.16)

Podemos analisar que essa modalidade de ensino já existe em prática no exterior, é conhecida como PLH - Português como Língua de Herança - é quando o português do Brasil é ensinado para filhos de brasileiros que moram no exterior, mas que os pais ainda gostariam de manter um vínculo cultural-afetivo com o Brasil, dando a oportunidade de que mesmo o seu filho esteja morando em algum território fora do Brasil, possa aprender a língua de seus pais brasileiros. Justificando que profissionais para esse trabalho já existem nos quatro cantos do mundo, pensando até mesmo que o setor educacional possa integrar ao sistema internacional, atores que promovam a língua do Brasil como constituidora de politização da diplomacia cultural da governança brasileira.

### **3. Objetivos Gerais:**

Avaliar o contexto já existente pela internacionalização da língua portuguesa do Brasil, abrangendo como minuciosamente pode-se reconhecer maneiras cabíveis, e que estão sendo descritas em ações de politização da diplomacia cultural, no contexto da política externa do Brasil, referente ao ensino de português para estrangeiros no BRICS.

#### 4. Objetivos Específicos:

- I. Realizar no âmbito do agrupamento de países BRICS um mapeamento do idioma português promovido nos demais países do agrupamento.
- II. Analisar a condução dos policy makers que colaboram para o ensino de português do Brasil e no BRICS, com intenção de propor políticas públicas e adaptações para os próximos anos.
- III. Investigar o caminho que já foi iniciado pelo Ministério das Relações Exteriores e a influência na diplomacia cultural do Brasil, com observações para projeções futuras na politização do ensino de português no agrupamento político BRICS.
- IV. Avaliar no BRICS, a percepção dos falantes de russo, hindi, inglês, mandarim, africâner; sobre a importância de trocas no multiculturalismo/multilateralismo. Além de identificar como o português pode atuar nesta diversidade idiomática.

#### 5. Alavancando o português no BRICS.

As línguas estrangeiras exercem fator fundamental nas relações internacionais e da diplomacia, e com isso buscar uma colocação do idioma português nesse ranking é função ordeira do Itamaraty, mais precisamente do Departamento Cultural do Ministério. E desde a criação do curso de Letras - Português do Brasil como Segunda Língua na Universidade de Brasília, demonstrou que esse é um mercado em crescimento, e que politicamente pode mexer com muitas estruturas da governança e política externa. Nesta pesquisa buscaremos investigar e propor estratégias para fazer o português ocupar uma colocação mais almejada no BRICS, como é explicada por Martin Wolf comentarista-chefe de economia no Financial Times, no livro do internacionalista alemão Oliver Stuenkel, um estudioso da atual política externa do Brasil, para ele o BRICS:

O BRICS foi inventado por Jim O'Neill (da Goldman Sachs, em 2001). Eles acrescentaram a África do Sul aos BRICs[...], que não estava lá originalmente, para dar alguma representatividade à África. Esses países basicamente não têm nada em comum, exceto sua grande importância e o fato de serem chamados de BRICS. No entanto, em relação a todos os outros aspectos - seus interesses e valores, sistemas políticos e objetivos -, divergem de maneira substancial. Por isso, não há motivo para esperar que eles possam concordar em qualquer coisa de substancial no mundo, exceto que as potências dominantes existentes devem ceder parte de sua influência e poder. Essa é a única coisa que eles possuem em comum. (Stuenkel, 2017, p. 9)

Quando falamos da língua portuguesa na Comunidade dos Países de Língua Portuguesa, encontramos políticas públicas do Brasil, como por exemplo o Museu da Língua Portuguesa, renascendo de um incêndio, mas que agora com cooperação de instituições públicas e privadas, nacionais e internacionais, conseguem remontar esse museu. O Museu da Língua Portuguesa situa-se em São Paulo, e foi premiado como o melhor museu da América Latina. É perceptível que existem diversas políticas públicas de diplomacia cultural que corroboram para o avanço da CPLP, porém para o grupo BRICS pouco se ventila ideias de promoção do idioma oficial do Brasil, e como o português pode ser falado na Rússia, Índia, China e África do Sul. A unificação política semi-institucionalizada do BRICS com o Novo Banco de Desenvolvimento do BRICS, e o Arranjo Contingente de Reservas, promovem a interlocução desses Países Monstros, ou seja uma cooperação multilateral de países emergentes ou em desenvolvimento, que podem causar uma assimetria, em que os países considerados do Terceiro Mundo, ao unirem-se podem facilitar uma Cooperação Sul-Sul, confrontando assimetrias hegemônicas de países mais industrializados e desenvolvidos, fortalecendo-se como bloco econômico e político; o BRICS vem crescendo a cada dia mais, e conquistando uma estabilidade de comercialização entre esses países citados anteriormente. Esta pesquisa científica denota a intenção de conseguir pensar na politização da diplomacia cultural do ensino do idioma português do Brasil, nos países presentes neste agrupamento. Como o BRICS pode ajudar a promover a língua portuguesa nesses países? Ainda que exista uma politização diplomática referente aos Professores Leitores em Universidades da Rússia, África do Sul, China, Índia ensinando a Língua Portuguesa como Língua Estrangeira. Acreditamos que seja necessário muito mais política externa de viés educacional, que poderiam ser orquestradas nas Cúpulas e Acordos intergovernamentais dos países participantes do BRICS. Um país asiático próximo da China, que chama-se Coreia do Sul vem a cada dia mais se mostrando um grande expoente de outras culturas que buscam aprender ou ficar sabendo um pouco mais do idioma português, para ter acesso aos costumes e estilo de vida dos brasileiros, se baseando em uma pesquisa elaborada na Universidade Hankuk de Estudos Estrangeiros obteve-se a porcentagem de alunos que procuram aprender português brasileiro, foram entrevistados alunos dessa universidade a partir da seguinte pergunta; Por que você estuda português? Para conseguir um emprego na Coreia do Sul foram 31%, conseguir um emprego no Brasil registraram 16%, enfim conhecer o Brasil como turista 8%, e por causa da minha nota para entrar na Universidade ficaram 19%. É perceptível o quanto existe motivos para se pensar na internacionalização da língua portuguesa através de uma diplomacia cultural que convém compreender quais políticas públicas a governança presente na política externa brasileira pode fazer uso para promover a língua portuguesa do Brasil, não se fazendo esquecer a importância diplomática das instituições de promoção cultural de nosso país, gesto referente às instituições dos departamentos do Itamaraty.

Dirigindo-se para a inter-cooperação entre os países que fazem parte do BRICS, encontramos mais alguns tipos de multilateralidade, como é o caso do IBAS (Índia, Brasil, África do Sul), e BASIC (Brasil, África do Sul, Índia, China). Esta intercalação deixa claro, como é um regionalismo com um núcleo duro de interação complexa e pacífica. Porém pouco se fala de políticas que façam o português do Brasil chegar até essas localidades, pois dessa forma o estrangeiro pode aprender nossa língua, criando-se muito mais interações no mercado financeiro e comercial, e legitimamos o poder cultural de nosso país. Em sua declaração final, eles criaram o Conselho Think Tanks do BRICS (BTTC), “para a troca de ideias entre pesquisadores, a academia e institutos de pesquisa” (Stuenkel, 2017, 103).

É importante que saibamos, que políticas como estas não atingem a população majoritariamente, na verdade são criados núcleos para estudos de cultura, em alguns polos do país, isso tudo tem um poder imenso. Como é o caso das novelas da Globo, que fez com que nascesse toda uma geração de Isauras, na Rússia, por causa da novela brasileira Escrava Isaura. Isso tudo faz pessoas em outros países pensarem como é o nosso estilo de vida, e com isso começam a consumir os nossos produtos, nossa cultura, até chegar ao expoente máximo, que é estudar a nossa língua, isso faz com que capacitemos pessoas ao redor do mundo para promover e divulgar a cultura brasileira.

Esta pesquisa científica orienta-se aos estudos do governo e política externa, e pauta-se também em trabalhos que busquem validar a diplomacia cultural brasileira. Como é encontrado na obra de Joseph Nye acadêmico de Harvard criador do termo Soft Power, abaixo estão suas palavras, que nos fazem refletir mais um pouco sobre o poder cultural, que existe na divulgação e promoção da cultura brasileira, através do ensino do idioma português no âmbito dos Países Monstros, que fazem parte do BRICS, observemos:

Vamos começar com a cultura. Cultura é o conjunto de valores e práticas criadas para dar sentido a uma sociedade. Isso tem muitas manifestações. Isso é comum para diferenciação entre alta cultura como a literatura, arte, e educação, o qual são mais atrativas para as elites, e a cultura popular, o qual foca-se na cultura de massa. Quando a cultura de um país inclui valores universais em suas políticas, promovem valores e interesses que outros compartilham, isso aumenta a probabilidade de obtenção dos resultados desejados porque seus relacionamentos atraídos por imposição, podem ser criados. (Nye, 2004, p.14, tradução nossa)

A partir desse ideal, concluímos, que a palavras de Joseph Nye, nos faz pensar que todas as vezes que alguma embaixada com missão diplomática promove sua própria cultura, tem ganhos expressivos como justificativa em desenvolver estratégias entre órgãos como a FUNAG sobre o ensino de português para estrangeiros no BRICS. O Ministério das Relações Exteriores, mais precisamente com o Departamento Cultural, na Divisão de Temas Educacionais e Língua Portuguesa

- DELP, pode também ser oficializado no âmbito desta pesquisa trazendo valores reais do que já se vem fazendo no mundo, porém que ainda não foram focados com o interesse de ensino de português para estrangeiros no BRICS. Esta pesquisa busca desenvolver um modelo científico para adentrar as cimeiras das Relações Internacionais, e promover além de discussões e debates, materiais didáticos, audiovisuais, e publicações em revistas que versem sobre política internacional, além de aulas sobre o assunto e participações em grupos de investigações e congressos mundo afora. Tudo isso fará o Brasil ser ainda mais percebido no agrupamento BRICS, e fazer com que o número de falantes lusófonos aumente gradativamente com o auxílio de políticas públicas da política externa brasileira, vividas no presente e projetadas para o futuro.

## **6. Quais são as principais referências deste trabalho.**

Agrupar como revisão bibliográfica um referencial teórico que realce os paradigmas trazidos pelo questionamento - como podemos ensinar português para estrangeiros no BRICS - será caracterizado através de três cunhos teóricos; o primeiro deles o cultural, que é representado pelo sociólogo jamaicano Stuart Hall, que é capaz de nos trazer às mãos, observações cabíveis do fato cultural em si, ele que elabora maneiras de trazer percepções de como as pessoas de países do Terceiro Mundo, são observadas pelos países com um desenvolvimento mais abrangente, e como práticas racistas também circundam as teorias dos seus trabalhos de estudos culturais. A alusão para esse teórico da cultura é fazer com que os pensamentos sobre cultura possam estar mais profundamente ambientados em países que procuram um regionalismo de Cooperação Sul-Sul.

O segundo cunho teórico, é quando nos referimos ao poder cultural. Para isso esta revisão bibliográfica faz alusão ao internacionalista americano Joseph Nye, criador do termo soft power, ele que fora criador do termo interdependência e da interdependência complexa nas relações internacionais. Inova ao publicar o termo “soft power ou poder brando”, o que faz salientar a importância da diplomacia cultural brasileira, ao demonstrar-se que o ensino de português para estrangeiros no agrupamento BRICS reverbera de maneira expressiva defronte aos global players que buscam caracterizar a cultura brasileira, como a cultura de um país que possui grandes possibilidades quando se fala em regionalismo, e na cooperação ativa para o progresso dos países participantes.

Atribuir ao terceiro cunho teórico, o dever de demonstrar minuciosamente o que é o agrupamento político e semi-institucionalizado BRICS, e para isso contamos com os trabalhos do internacionalista alemão radicado no Brasil, Oliver Stuenkel que se debruçou em averiguar como o agrupamento BRICS se constitui, se formaliza e qual será o seu futuro na ordem global, em seu livro BRICS e o futuro da ordem global, na contra-capá está a recomendação do ex-ministro Celso

Amorim; “o primeiro estudo detalhado sobre o grupo, oferece uma contribuição importantíssima. A leitura é essencial não somente aos acadêmicos, mas também a todos aqueles que têm responsabilidade pela condução da política externa de cada um dos países do BRICS” (Stuenkel, 2017). Façamos das palavras do ex-ministro a realização desta pesquisa, reconhecendo a importância do ensino de português para estrangeiro uma política cultural de ensino de nossa língua, como veículo de valores.

## 7. Conclusão

Aqui, o pesquisador descreve como foi sua metodologia e o modelo científico adotado para buscar soluções cabíveis ao questionamento deste artigo científico. Assegurar que ao analisar categoricamente as reuniões, acordos, anúncios, e recolhendo o máximo possível de dados necessários referente ao BRICS, e com essas informações sermos capazes de encontrarmos no espaço acadêmico, econômico e diplomático possibilidades para fazer com que o ensino de português para estrangeiros possa acender nos países que fazem parte do BRICS. Serão as análises dos objetivos na metodologia exploratória, escolhida para guiar o aprofundamento dessa pesquisa, utilizamos essa metodologia por ainda não se ter um número expressivo de pesquisas voltadas ao tema; Português para estrangeiros no BRICS, mas que percebemos que será alvo de pesquisas futuras, muito por causa das instalações dos Leitorados, financiados pelo Itamaraty em Universidades Estrangeiras no BRICS. Demonstrando que o pesquisador obteve um trabalho maior, por não existirem tantas pesquisas sobre o assunto.

Quanto à abordagem do problema utilizamos de modelo qualitativo, para tentarmos fazer uma previsão de um futuro fenômeno que pode ser ventilado nos conselhos e reuniões do BRICS, para que possamos atribuir significado na internacionalização do idioma português. Dando uma oportunidade de buscarmos os nossos objetivos através de um caráter exploratório e subjetivo. Fazendo com que consigamos de uma forma direta abordar o objeto de estudo. No momento de analisarmos os dados que foram coletados, utilizamos o modelo Ex-Post Facto, que significa “após um fato passado”, realizado depois dos fatos ocorridos referente ao BRICS, como por exemplo os seus encontros, reuniões, e possíveis acordos intra BRICS. Para verificar a existência da relação entre as mais possíveis variáveis advindas da Rússia, China, Índia e África do Sul. Validando com essa metodologia, a análise após o fato, faz com que este estilo de pesquisa refere-se como é possível entender um fato ocorrido no BRICS e como pode impactar esse agrupamento no presente, ou como será possível impactar no futuro.

Nós analisamos a condução de policy makers, que fazem com que as políticas idiomáticas referente ao português aconteçam, e em contraste analisamos o que os policy makers do BRICS, estão procurando através de seus discursos, isso tudo resolverá possíveis lacunas. Analisamos o terreno que o BRICS promove em suas conferências diplomáticas, e após, nós conseguiremos apontar um rumo de como o ensino de português para estrangeiros pode adentrar ao regionalismo do agrupamento. Com a intenção de propostas de politização diplomática influenciando os ditames de políticas públicas dos países que fazem parte do BRICS, e como essas possíveis adaptações no agrupamento refletirão nos próximos anos.

Através de um modelo científico exploratório, nós investigamos um caminho que é conduzido pelo Itamaraty, mais precisamente pelo Departamento Cultural do Ministério, buscamos o máximo de informações possíveis referentes à diplomacia cultural nos países que fazem parte do BRICS. Concluímos que ao se espelhar nos países do agrupamento BRICS, existe uma diversidade distinta das línguas faladas, que não encontram semelhanças idiomáticas, nem proximidade linguística, nesses países em que é falado; o russo, hindi, inglês, mandarim, africâner. Encontramos nesse multiculturalismo a necessidade de recorrermos a estratégias e políticas diversificadas de ensino, para ser possível administrar problemas de diversidade e multiplicidade gerados pela percepção de se ensinar português para estrangeiros nesse contexto. Esse multiculturalismo construído pelo multilateralismo do agrupamento BRICS pode identificar como o português pode ser introduzido em países com a constituição histórica, econômica, cultural e idiomática tão diversificadas.

## Referências

FERNANDES, Luís L. Soft power: o jogo de atração cultural e as vantagens da cooperação. 2005.

FRANCISCO, Denis L. Quem estuda português do Brasil na Coreia do Sul? Seoul: Universidade de Hankuk de Estudos Estrangeiros, 2017.

HALL, Stuart. Da Diáspora: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: UFMG, 2013.

JABER, Kamel S. A. Language and Diplomacy. Ed. J. Kurbalija e H. Slavik, 2001.

LIESA, Carlos R. F. Derechos lingüísticos y derecho internacional. Madrid: Dykinson, 1999.

NICK, Stanko. Use of Language and Diplomacy. Ed. J. Kurbalija e H. Slavik, 2001.

NÓBREGA, Francisco A. Português: a língua da liberdade - a Constituição Federal e o idioma oficial da República do Brasil. Brasília: Thesaurus, 2010.

NYE, Joseph. Soft Power: The Means To Success In World Politics. EUA: Public Affairs, 2004.

RIBEIRO, Edgard T. Diplomacia Cultural: seu papel na política externa brasileira. Brasília: FUNAG, 2011.

STUENKEL, Oliver. BRICS e o futuro da ordem global. São Paulo: Paz e Terra, 2017.

UNESCO. Declaração universal sobre diversidade cultural. UNESCO. 2001. Disponível em: <[http://www.unesco.org/new/fileadmin/MULTIMEDIA/HQ/CLT/diversity/pdf/declaration\\_cultural\\_diversity\\_pt.pdf](http://www.unesco.org/new/fileadmin/MULTIMEDIA/HQ/CLT/diversity/pdf/declaration_cultural_diversity_pt.pdf)>. Acesso: 12 de abr. 2021.